

REFLEXÕES SOBRE FEMINISMO NA ARTE A PARTIR DA PRÁXIS COM O  
TEATRO DO OPRIMIDO: As limitações e as possíveis fissuras

# IACÁ: *Artes da Cena*

ISSN 2595-2781

REFLEXÕES SOBRE FEMINISMO NA ARTE A PARTIR DA PRÁXIS COM O  
TEATRO DO OPRIMIDO

As limitações e as possíveis fissuras

Helen Sarapecck

## REFLEXÕES SOBRE FEMINISMO NA ARTE A PARTIR DA PRÁXIS COM O TEATRO DO OPRIMIDO

As limitações e as possíveis fissuras

## REFLECTIONS ON FEMINISM IN ART FROM PRACTICE WITH THE THEATER OF THE OPPRESSED

Limitations and possible cracks

Helen Sarapecck

[helensarapecck@gmail.com](mailto:helensarapecck@gmail.com)

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**Resumo:** O artigo aborda as limitações e as possíveis fissuras na prática feminista a partir da experiência da autora com o método do Teatro do Oprimido aplicado com adolescentes do Complexo da Maré, Rio de Janeiro, levantando paralelos com a produção de arte de forma ampla. Aponta questionamentos sobre a arte enquanto produto capitalista que naturaliza tendências e pensamentos e sobre sua própria atuação enquanto mulher branca e classe média em território de favela.

**Palavras-chave:** Teatro do oprimido, Feminismo, Favela.

**Abstract:** The article addresses the limitations and possible fissures in feminist practice based on the author's experience with the Theater of the Oppressed method applied to teenagers from Complexo da Maré, Rio de Janeiro, raising parallels with the production of art in a broad sense. It raises questions about art as a capitalist product that naturalizes trends and thoughts and about her own actions as a white, middle-class woman in favela territory.

**Keywords:** Theatre of the Oppressed, Feminism, Favela.

Entre 2014 e 2015 o Centro de Teatro do Oprimido (CTO) desenvolveu o Projeto *Teatro do Oprimido na Maré* com o objetivo de potencializar a rede de parceiros existente no Complexo da Maré na discussão de Políticas para Juventude através do Teatro do Oprimido (TO). O projeto contou com a participação de jovens moradores através da criação de espetáculos sobre a realidade da comunidade buscando conhecer, debater, propor e intervir com novas formas de atuação comunitária. Durante o projeto, desenvolvemos o laboratório Madalenas<sup>1</sup>, um espaço de

<sup>1</sup> Idealizado por Bárbara Santos (Curinga, Diretora, socióloga, criadora da Kuringa Berlim) e Alessandra Vannucci (Diretora Teatral e Curinga. Professora Adjunta no Curso de Direção Teatral da Escola de Comunicação (ECO) da UFRJ) em 2010 dentro do Projeto Teatro do Oprimido de Ponto a Ponto do CTO. Na época eu estava como Coordenadora Geral do CTO.

experimentação cênica voltado às mulheres para investigar as especificidades das opressões enfrentadas por elas, ou mesmo as suas próprias alienações, com o objetivo de atuar para a criação de medidas efetivas que contribuíssem para a superação dessas opressões e para a igualdade dos gêneros. Com os recorrentes casos de assédio e violência de gênero, agravados pela pouca idade e experiência das participantes dos grupos, eu e Monique Rodrigues<sup>2</sup> desenvolvemos um laboratório para as adolescentes. A ideia era iniciar um processo de percepção e discussão com elas. Levantar seus temores, amenizar suas dores e somar forças na luta contra a opressão. Apesar de saber que a cor da pele e o contexto social agregam outras opressões ao machismo, focamos em nossas semelhanças de gênero tentando aproximar as adolescentes das duas mulheres brancas de classe média.

Tínhamos costume de entrar e sair da favela para trabalhar com os jovens, fazer oficinas e reuniões com as organizações participantes, dialogar com as famílias, buscar parceiros, fazer apresentações. A favela não é para mim, território desconhecido, surpreendente ou elemento de curiosidade. É um local de trabalho e de moradia de amigos, mas também um local em que não me sinto confortável.

Aquela quinta à tarde era apenas mais uma das inúmeras vezes que iria à Maré. Partindo do CTO peguei o ônibus da Linha 350 (Castelo-Irajá) que, na altura do ponto na Rua Riachuelo, ainda guardava alguns lugares vazios. Sentei no assento pouco acolhedor sentindo um leve calor e fui pensando na vida, como é comum acontecer quando estou em situação que não há muito mais o que fazer além de matutar.

Pensei na situação em que a instituição CTO estava passando, na minha tomada de decisão de sair, nas consequências, na coragem medrosa que tinha de deixar aquele espaço depois de vinte e cinco anos. Em contrapartida, pensei que enfim, teria tempo para mim, para o mestrado, para fazer outras coisas que tanto queria fazer como o sinteco do apartamento e de como seria lindo depois do trabalho de remover todos os móveis, poder conviver com uma sala livre de poeira! Estava animada quando lembrei que tinha de ir ao banco para pagar algumas

---

<sup>2</sup> Curinga, mestre em Sociologia e Direito e doutora em Antropologia pela UFF. Professora do IFRJ/Pinheiral e do Estado do RJ.

contas para meu pai e fiquei triste mais uma vez em pensar que meu pai não tem mais forças de ir ao banco sozinho e que, em pouco tempo, provavelmente, não teria forças para atravessar a rua. Pensei em minha mãe na cama sem poder falar ou saber o que acontece com ela e, em seguida, lembrei que na volta da Maré precisava passar no hortifruti para comprar uma papaia para o café da manhã e outras coisas que faltavam em casa. Pensei em mexer na bolsa para pegar um papel para anotar os itens que pretendia comprar quando percebi que já estava na altura da passarela 6 (seis) e era hora de levantar para apear.

Saltei na passarela 7 (sete), o calor ali era maior, e considerei ser hora de repassar o programa do laboratório na cabeça. Fui lembrando jogo por jogo e como iria fazer a divisão da aplicação com minha companheira de trabalho. Gosto de repassar a sequência de um encontro na cabeça antes de começar a atividade. Gosto de chegar aquecida e estimulada pelo pensamento.

Caminhava sem muita pressa porque havia tempo de sobra para chegar ao Museu que ficava a cerca de cinco minutos de caminhada dali. Passei por debaixo do viaduto e como sempre, tinha muito lixo acumulado. Senti o cheiro, mas não quis olhar. Passei pela moça que vende cinco pães de queijo a R\$1,00, pensei em comprar, mas estava sem fome. Ela vende os pãezinhos em um carrinho de duas rodas parecido com um carrinho de pipocas. Só que em vez de panela, tem um forninho. Fiquei imaginando que o carrinho deve ter custado caro e me perguntei qual lucro ela poderia ter em cima de tão pequeno valor para compensar o que pagou no carrinho. Quantos pães ela teria que vender por dia para valer o trabalho? Quantas horas ficaria ali por dia? Quanto tempo um pãozinho demoraria no forno... Tentei fazer alguns cálculos e decidi que na volta compraria um saquinho para comer no ônibus e, talvez, fizesse alguma dessas perguntas a ela.

Do carrinho de pão de queijo, já no primeiro quarteirão da rua, passei pelo quiosque que vende hambúrgueres. Mais lixo e no meio dele um cachorro. Um vira lata marrom com algumas pintas mais escuras no dorso e o focinho esbranquiçado. Era velho. Parecia cansado e doente. Será que estaria aleijado já que não se movia? Fiquei angustiada, resolvi voltar e comprar uns pães de queijo para dar ao cachorro de modo a aliviar seu sofrimento, mas ao me virar para fitá-lo novamente, o vi de pé e brincando com um senhor. O pote de água ao lado. Estava bem

gordinho. Respirei aliviada, desisti do pão de queijo mais uma vez e continuei a caminhada. O calor estava grande na rua sem árvores.

Tentei concentrar meus pensamentos no programa que precisava repassar, evitando respirar nos pontos onde o lixo ficava mais acumulado. Acelerei os passos tentando não olhar para a esquerda da rua onde entre sacos abertos havia todo tipo de sujeira espalhada escorregando da calçada para o meio da rua. Pulando entre os lixos, ao passar pelo pequeno estabelecimento, misto de padaria e boteco, fiquei impressionada mais uma vez em como as pessoas conseguiam comer e beber algo com aquele cheiro que me nauseava. Resolvi olhar para a direita onde havia os fundos de um muro do quartel do exército enquanto pulava por cima dos sacos abertos.

Precisava concentrar minha atenção no programa do laboratório quando percebi que o muro branco estava cravejado de buracos de bala. Estava parecido com o que imagino ser um paredão de treinamento de tiro. Curioso como já tinha passado por ali inúmeras vezes e não havia percebido. Eram muitas marcas. Dezenas. Não pareciam antigas. Pensei em perguntar para alguém o que se passara, mas desisti de imediato. Achei melhor avançar e fiquei imaginando se os tiros haviam sido dados no mesmo dia, de uma só vez ou se eram tiros dados com espaços de tempo entre eles. Também tentei imaginar porque alguém atiraria em um quartel. Pensei se as pessoas da padaria teriam visto os tiros ao serem disparados e se teriam machucado alguém. Criei imagens do senhor do cachorro e o cachorro correndo com o barulho dos tiros, e a moça do pão de queijo ouvindo os tiros a certa distância sem saber se deveria fechar a barraca ou aguardar. Imaginei as crianças que estudavam na escola ao lado e antes de imaginar qualquer coisa mais, cheguei ao portão do Museu.

Já na entrada encontrei os responsáveis pelo espaço e algumas meninas que aguardavam pelo laboratório. Descobri que o encontro seria na sala de dança, local que não costumavam se encontrar. Falei com todas e fui subindo com cuidado as escadas de degraus de diferentes tamanhos e conversando com uma das participantes. Bárbara era uma adolescente negra de personalidade decidida, tranquila e liberta. Daquele tipo de pessoa que corre atrás do que quer com seriedade, mas com muito bom humor. Subindo a escada falava animada que estava com gana de fazer o laboratório, que achava incrível pela primeira vez somente as meninas se

encontrarem e que achou engraçado os meninos do grupo terem ficado enciumados e, enquanto ela falava, fiquei pensando no potencial daquela menina, na sua força e garra de seus dezesseis anos. Pensei em mim com a mesma idade cheia da mesma força e garra protegida em minha casa murada pelas asas dos meus pais iniciando a faculdade de Biologia com minha mesada no bolso.

A moça do pão de queijo voltou a minha cabeça, o cachorro, as marcas dos tiros no muro e o cheiro repulsivo que insistia no ar. O calor não dava trégua. Ao final dos degraus meu pé bateu no beiral da escada e quase caí. Bárbara deu uma gargalhada, me abraçou e disse que me adorava. Eu retribuí. Não por educação, mas por sinceridade e amor. Que futuro lindo aquela menina iria conquistar. Ela queria ser cantora. Mas o cheiro pútrido voltava a todo instante como a me lembrar onde estávamos e com que condições Bárbara iria construir seu futuro naquele lugar. Tentei não ser preconceituosa, levar em conta a diferença de condição social, sem subestimar o potencial de Bárbara de sair daquela situação, que por vezes, parece uma sina.

Já no espaço da sala de dança foquei, enfim, meu pensamento no programa. Após uns vinte minutos minha companheira de trabalho chegou e começamos a atividade. Era o primeiro encontro daquele teor e, tanto as adolescentes como nós, estávamos bastante animadas. Fizemos a primeira série de jogos e entramos em uma técnica individual que exige maior concentração. Para deixar as meninas mais à vontade me afastei um pouco chegando perto da janela, quando vi um novo buraco. Um buraco redondo e exato no vidro da janela. Ao redor do buraco, pequenas estrias bem finas de rachadura no vidro. Era uma bela imagem e por alguns décimos de segundo fiquei ali admirando o buraco... Eu me assustei com minha visão de beleza dentro da desgraça que significava aquele buraco e imaginei a bala entrando e seguindo na direção oposta. Olhei para o outro lado e vi mais um furo na parede. A bala deve ter atravessado a sala com fúria. Pensei nas meninas e nas dezenas de crianças que passam por ali todos os dias, nas professoras, na pessoa que faz a limpeza, na Bárbara, em mim. Apesar de saber que marca de tiro na favela é cotidiano, não queria naturalizar mais uma história de violência e comentei com as meninas. Falei do buraco, do mau cheiro, do lixo, do horror que a todo tempo nos cercava e sobre o que poderia ser feito para minimizar tanta violência. Os comentários foram em menor número do que imaginava e bastante desesperançosos. Ainda insisti um pouco, mas logo percebi que estavam mais interessadas em avançar na atividade do que discutir o massacre social em que

vivemos. A convivência com a violência havia se naturalizado naquelas quase crianças. A tristeza me invadiu.

Voltaram à atividade e meu olhar continuava atraído pelo buraco. Tentei olhar através dele, quando dois caveirões<sup>3</sup> passaram na rua. Dessa vez, resolvi não comentar com o grupo que estava absorto nas poesias que criavam. Os caveirões vinham lentamente e resolvi registrar aquela situação. Transformar em imagem eterna o que via e sentia. Bati algumas fotos do buraco, dos caveirões, dos meninos fardados em cima dos caveirões, das meninas sentadas no linóleo com o buraco ao fundo na janela. Tentava transformar em Arte a crueldade. Já escurecia e as fotos não ficaram boas. Eu me perguntei por que queria transformar em Arte aquela desgraça. Fiquei culpada pelo meu privilégio e senti raiva de mim e da classe média e branca que represento. Quanta distância havia entre mim e aquelas pessoas?

O laboratório continuou e tentei aliviar minha culpa reforçando no discurso a importância de entendermos as diferenças e os privilégios que cercam os homens em detrimento das mulheres: que rodeiam os brancos desfavorecendo os negros e que protegem quem tem mais, tirando de quem tem menos. Tentei compensar a vida áspera naquele ambiente com minhas palavras, que, apesar de sinceras, cada vez me soavam mais defensivas. O calor havia ficado insuportável. O encontro chegou ao fim com a construção de uma música coletiva e entre agradecimentos, abraços e beijos. Bárbara mais uma vez me abraçou e disse que me adorava. Senti-me responsável por parte do futuro daquela menina. Senti-me presa na luta que travava, mas percebi o vão da distância que havia entre nós. Um buraco muito maior que o buraco da bala no vidro.

Quis sair o mais rápido que pude. Não sei se por vergonha ou medo de meus pensamentos. Desci as escadas fingindo estar atrasada para um compromisso que não tinha, questionando a validade do laboratório, da discussão, do projeto, do Teatro do Oprimido. Que

---

<sup>3</sup> Caveirão é o nome popular do carro blindado usado pela Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro (PMERJ) em incursões nas áreas de risco, geralmente em favelas. Oficialmente, o nome desse carro blindado é veículo blindado de transporte de pessoal (VBTP). Diferente do que a maioria das pessoas pensam, ele não é um carro de combate, ele é um carro de apoio. É utilizado para apoiar os policiais em operações ou resgatar policiais e pessoas feridas nas localidades conflagradas pelo crime organizado. Não é cotidiano ver Caveirões andando nas ruas, a não ser que estejamos em uma favela.

mudança real poderia acontecer diante de estruturas tão fortemente estabelecidas e com o estado de crueldade naturalizado? Como o TO poderia colaborar na mudança de algo tão profundo? Senti uma descrença e desesperança maior que a das meninas. Senti-me pequena. Inútil. Quis correr. Passei pela parede do quartel, mas não olhei para o muro. Dessa vez mirei nas sacolas de lixo que agora estavam ainda mais espalhadas no meio da rua. Não quis olhar para a padaria, para o senhor, para o cachorro. Pela terceira vez desisti de comprar os pães de queijo e fui com fome atravessando o viaduto para pegar do outro lado da Avenida Brasil o ônibus de volta para Lapa. Não pensei em como havia sido a atividade, como costumava fazer. Não queria pensar. Amanhã seria outro dia e haveria tempo para reflexão. Estava nauseada, mas não sentia mais cheiro e nem calor algum. Não sentia mais quase nada. Só uma dor em algum lugar entre o estômago e o peito.

O capitalismo neoliberal é o responsável pela produção de uma cultura hegemônica e eurocêntrica, que concentra riquezas e distribui violência. Um mecanismo fundamental do capitalismo é a manutenção do poder econômico e político nas mãos dos colonizadores, através do uso de diferentes artifícios de persuasão, de controle e de isolamento dos oprimidos. No lado sul do planeta se encontra a maior parte dos territórios frutos de colonização abusiva durante anos e séculos, herdeiros de uma cultura alicerçada no modelo europeu patriarcal. A lógica eurocêntrica coloca o homem branco em posição privilegiada de poder, de modo que a sociedade aceite essa condição como se ela fosse “natural” sem perceber que é fruto de uma construção social. Assim, a produção do lado norte do mundo virou referência para a maioria dos ocidentais, ganhando prestígio de “universal”. A crença da superioridade da raça branca sobre os negros e indígenas e do homem sobre a mulher é perpetuada há gerações, criando uma sociedade opressora que assimila valores dessa cultura hegemônica colaborando na manutenção do status de colonizado e na repercussão das desigualdades.

A favela da Maré é um retrato autêntico do abandono fruto da desigualdade e do desprivilegio, escondida atrás dos muros da linha vermelha, numa tentativa do governo de abafar a voz de milhares de moradores. Por isso, uma das provocações dos coletivos e projetos instalados no complexo é dar visibilidade às potencialidades da comunidade através da produção de conhecimento dos moradores a partir de sua realidade local.



No artigo *É Preciso colorir para enxergar*, Viana (2016) cita a escritora e artista portuguesa Grada Kilomba que ao repensar o lugar de fala da mulher negra, coloca em questão que a narrativa mundial por ser hegemônica define o que pode ser caracterizado como conhecimento. Viana reflete sobre o paradigma eurocêntrico que estabelece uma relação hierarquizada e racializada com o restante do mundo.

Analogamente, torna-se possível traçar uma história dita universal, objetiva, neutra, racional e imparcial, constituída numa relação assimétrica, que realmente não conta outra perspectiva histórica sobre aqueles, outros culturais, que são postos numa atuação política restrita. Portanto, esta narrativa hegemônica e eurocêntrica localiza estas autorias para delimitá-las dentro do campo da experiência, da subjetividade, da pessoalidade, da emoção e da imparcialidade. Logo, não há o reconhecimento de qualquer forma de sapiência que esteja fora de certos paradigmas eurocêntricos. Sobremaneira, estabelece-se uma relação hierarquizada e racializada quanto a valores culturais, estéticos e morais. A construção em torno de uma Europa Moderna como protagonista, centralizada, e paradigmática acerca de uma História Mundial, alicerçou uma história de poder em que consequentemente, outras formas culturais são identificadas como periféricas. (Viana, 2016, p.23)

A ideia de universalidade é abstrata e não retrata o universo de diversidades, mas coloca no centro uma única cultura. Para ressaltar o problema, ela relata sobre a repercussão da Exposição *Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca*, inaugurada em dezembro de 2015 na Pinacoteca de São Paulo. Realizada pelo curador Tadeu Chiarelli, o museu trouxe a público todas as 106 obras de artistas negros do acervo. No artigo ela destaca que em 110 anos, a instituição teve apenas um curador negro entre 1992 e 2002, e que a primeira obra de um artista negro da Pinacoteca foi doada pelo próprio artista, de nome Arthur Timóteo da Costa. A referida exposição sofreu críticas, em especial da imprensa como ela frisa no artigo publicado na época pelo jornalista Fabio Cypriano no Jornal Folha de São Paulo:

Fabio Cypriano acusa a escolha curatorial da exposição em optar por expor artistas negros a uma prática de compensação de políticas públicas de discriminação. Ao invés disso, o autor sugere à instituição a elaboração de estatísticas de retrospectivas de artistas afrodescendentes nas últimas décadas como postura política relevante. O jornalista rotula e classifica como gueto a gama de visualidades de artistas negros, sinalizando como pouco relevante destacar a cor da pele de um (a) artista na mostra apresentada pela Pinacoteca. Para Cypriano, a cor da pele de um artista é irrelevante para determinar a qualidade do objeto artístico, e a cor não deveria ser enfatizada. Não obstante, o lugar desta crítica reafirma a construção de um olhar colonizado, cristalizado e homogeneizante para estas produções. (Viana, 2016, p.26)

Essa crítica evidencia o problema da indústria e hegemonia cultural, e deixa explícito o quão longe estamos de uma verdadeira democratização da arte, e como ainda dependemos de ações individuais e pontuais para furar esse bloqueio e provocar fissuras urgentes no sistema racista e misógino.

Segundo Holloway, no mundo globalizado é difícil causar grandes mudanças partindo de nossa posição oprimida, portanto é preciso abrir pequenas fissuras no muro rígido do sistema a partir de nossas ações que gerem possibilidades de rotas paralelas à opressão capitalista.

A abertura de fissuras é a abertura de um mundo que se apresenta como fechado. É a abertura de categorias que em sua superfície negam o poder de fazer humano, para descobrir em seu núcleo o poder negado e encarcerado. Nas palavras de Max, é crítica *ad hominem*, a tentativa de romper as aparências de um mundo de coisas e forças incontroláveis e para entender o mundo em termos do poder do fazer humano. O método da fissura é dialético, não no sentido de apresentar um fluxo organizado de tese, antítese e síntese, mas no sentido de uma dialética negativa, uma dialética da inadequação. (...) Queremos entender a força de nossa inadequação, queremos saber como o repetido golpear de nossa cabeça contra a parede a fará desabar. (Holloway, 2013, p.39)

A exposição na Pinacoteca se apresenta como uma fissura importante no modelo preconceituoso da academia, apesar de depender de um curador em sua posição privilegiada de especialista, homem e branco. Vale ressaltar ainda que de todas as 106 obras, apenas três eram de mulheres. Infelizmente uma realidade que se repete pelos museus em todo o mundo onde o percentual de obras de artistas mulheres é muito menor que a de homens, reflexo do acesso tardio das mesmas à academia e da falta de valorização da arte produzida por elas.

A repercussão dessa misoginia no mundo artístico aparece patente quando as próprias artistas não se posicionam como feministas mesmo quando o são. Evidente que nem toda obra feita por uma mulher é feminista, mas é igualmente notório que por ter sido feita por uma mulher, a obra carrega em si a importância singular de ser uma representante do gênero. Se o preconceito existe em relação à artista, ele fica ainda maior quando ela se autointitula feminista, que na visão antiquada de parte da sociedade ainda é um estigma. A necessidade capitalista de manutenção do poder em mãos masculinas é a resposta para o questionamento lançado pela socióloga Ana Paula Simioni em texto do site Maria Firmina - Arte feita por Mulheres (2018)<sup>4</sup>: “É preciso nos

---

<sup>4</sup> [“Onde estão as mulheres na história da arte?” | by Guia Maria Firmina | guiamariafirmina | Medium](#)

perguntarmos por que o formalismo é visto como “a” leitura mais correta das obras, e por que a leitura politizada, como é a leitura feminista, é vista como redutora e inferior.”

Essa leitura preconceituosa acontece em diferentes contextos, e apesar de perceber as pequenas fissuras que são possíveis fazer quando se trabalha dentro de uma comunidade como a Maré, é inegável afirmar o quão pequena parece nossa vitória diante do massacre de preconceitos que os meios de comunicação, providos pelo capital, incutem na cabeça das jovens. Todo o trabalho desenvolvido por meses parece desabar quando escuto das meninas a repetição de intolerâncias e a absorção de conceitos do opressor, como a ideia pervertida de que o feminismo é um posicionamento ruim para a sociedade.

Em um dos jogos do Teatro Imagem<sup>5</sup> é solicitado aos participantes que, de olhos fechados, façam uma imagem corporal referente a uma palavra que é dada. Em círculo todos fazem a imagem, e ao ouvir o comando, abrem os olhos ao mesmo tempo. As imagens são analisadas. É importante que na explicação da técnica fique evidente aos participantes que devem fazer com seus corpos a primeira imagem que lhes vier à mente de forma a não racionalizar demasiado e sim, trazer à tona as instâncias inconscientes ou de senso comum que possuem em relação à palavra. No laboratório com as adolescentes, usamos a palavra “feminismo” e as imagens feitas por elas deixavam explícita a falta de conhecimento do conceito e a forma preconceituosa com que a palavra chega até elas. As imagens eram de corpos brutos e rígidos de feições desconfiadas e que se colocavam no espaço com postura masculina: eram o reflexo do machismo incrustado no imaginário daquelas jovens. As meninas apresentavam nos seus corpos a visão preconceituosa de grande parte da população.

Alguns conceitos não são percebidos ou fogem ao conhecimento das jovens. A palavra “feminismo”, por exemplo, ainda soa como algo ruim, feito por mulheres que não têm o que fazer ou são lésbicas. A própria ideia de homossexualidade feminina é rebatida como algo negativo, próprio das mulheres que não têm capacidade para encontrar um homem que as faça feliz. (Sarapecck, 2016, p.191)

A sociedade questiona a ideologia feminista, sem se dar conta de que está imersa em ideologias que lhe são impostas e se apresentam como naturais. Assim reportamos ideias

---

<sup>5</sup> Técnica do Teatro do Oprimido onde se usa apenas a linguagem não-verbal.

desfavoráveis a nós mesmas cotidianamente, e muitas vezes, inconscientemente, simplesmente por parecerem naturais. É fundamental ser meticoloso ao se posicionar e ter cuidado ao emitir uma opinião, porque ela pode estar influenciada pela verdade em curso, que está conectada ao projeto neoliberal. A armadilha da ideia de universalidade é tão bem trançada que caímos nela sem perceber. O próprio movimento feminista, em suas primeiras décadas de evolução, quando era desenvolvido essencialmente por mulheres brancas de classe média, quis universalizar os problemas femininos sem se dar conta das especificidades de classe e raça. A defesa da oposição binária entre homens e mulheres ocultou as diferenças dentro da categoria mulher e embora tenha sido fundamental as ações das feministas da década de 60, a utilização da ideia universal de binarização para a unificação da categoria, hoje não faz mais sentido.

Em geral, a unidade na luta das mulheres em nossas sociedades não depende apenas da nossa capacidade de superar as desigualdades geradas pela histórica hegemonia masculina, mas exige, também, a superação de ideologias complementares desse sistema de opressão, como é o caso do racismo. O racismo estabelece a inferioridade social dos segmentos negros da população em geral e das mulheres negras em particular, operando ademais como fator de divisão na luta das mulheres pelos privilégios que se instituem para as mulheres brancas. Nessa perspectiva, a luta das mulheres negras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista, enriquecendo tanto a discussão da questão racial, como a questão de gênero na sociedade brasileira. (Carneiro, p.3)

Quando desenvolvemos o Laboratório Madalenas com as meninas da Maré, fiz um trabalho vigiado por mim mesma que me trouxe diversos questionamentos que ainda tento esclarecer. Por eu ser mulher branca de classe média, tive temor de reproduzir com elas a ideia de universalidade. Tive receio de não saber discutir os temas prioritários daquela realidade tão distantes da minha e de me ver incapacitada em compreender a condição de violência em que elas estavam inseridas. Com tantas diferenças entre nós, estaria eu provocando alguma fissura como propõe Holloway? Comecei a questionar meu papel de mulher branca de classe média e a me enxergar parte da opressão na vida daquelas meninas, assim como questioneei o papel dos homens que são parte da opressão que sofro. Audre Lorde define magistralmente sua indignação sobre o tema que cabe aqui ressaltar:

As mulheres de hoje ainda são solicitadas a se esforçar para superar o abismo da ignorância masculina e educar os homens a aprender a reconhecer nossa existência e nossas necessidades. Todos os opressores sempre usaram essa arma básica: manter os oprimidos ocupados com as preocupações do mestre. Agora nos é dito que cabe às mulheres de cor educarem as mulheres brancas, enfrentando sua tremenda resistência, e ensiná-las a reconhecer nossa existência, nossas diferenças e nossos respectivos papéis na

luta conjunta pela sobrevivência. Que é uma maneira de desviar nossas energias e uma repetição lamentável do pensamento racista patriarcal. (Lorde, 1988, p.92, tradução nossa)

É preciso estar atento e reconhecer nossa identidade para nos libertarmos das opressões que sofremos e que, por ventura, reproduzimos. ‘(...) um contínuo retomar reflexivo de nossos próprios caminhos de libertação, que, por ser tal, está intrinsicamente incapacitado para o exercício da dominação.’ (Freire, 1987). Identidade é afirmação política. Afirmando-me “mulher”, identifico as opressões que sofro e busco saídas. Afirmando-me “cis, branca de classe média”, identifico meus privilégios e entendo minhas limitações. Afirmando-me “feminista” deixo explícito meu posicionamento e minha condição de luta contínua.

Muitas artistas não se identificam como feministas como estratégia de sobrevivência ou porque não querem ser rotuladas. Mas como separar a artista da ideologia impressa na obra? A arte como expressão sempre será um reflexo do pensamento ideológico da artista, e, portanto, um veículo político. Assumir nossas posturas políticas na arte que produzimos não é reducionista, ao contrário, é combater a colonização com os meios que ela mesma usa.

As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndio dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos: há que inventá-la! (Boal, 2009, p.15)

Como afirma Boal, é preciso combater a dominação com nossa produção estética que tem papel político essencial no combate prudente às interpretações da realidade vindas da mídia massificada. Se o mercado é capitalista por essência, precisamos encontrar as fissuras necessárias para abrir espaço para uma arte questionadora.

Assim como não há mais espaço para o feminismo que não quer enxergar as particularidades da opressão dentro da categoria mulher, a meu ver, também não há para uma arte sem questionamento. O slogan “arte pela arte” é falso e promocional do mercado capitalista. O artista precisa usar sua potencialidade de ler e interpretar o mundo através de suas obras para provocar reflexão sobre o processo de exploração em que vivemos. É preciso ir na contramão dos meios de comunicação. Infelizmente, muitos artistas usam sua capacidade de adaptação e maleabilidade aliando-se às grandes instituições, colaborando no processo de gentrificação. O

mais triste é que a maioria o faz com orgulho afirmando que cabe ao artista fazer o seu papel independente de qualquer coisa. Assim há artistas plásticos que aceitam encomendas esvaziadas de ética e atores que fazem propaganda para a Coca-Cola.

A arte é um potencial humano, fonte de inspiração e instrumento de transformação fundamental. Particularmente, aprendi com ela a olhar para meus próprios preconceitos e rever minha forma de atuar no mundo. Precisamos nos responsabilizar pela mudança que queremos ver no planeta. A luta deve ser indagatória, intensa e sem descanso.

Passaram-se quase dez anos daquele dia de Laboratório e a história pouco mudou. O projeto terminou e faz tempo que não pego o ônibus 350. Mas continuo usando o tempo vago em uma condução, para matutar. Fiquei sem resposta sobre o que se passava com minha mãe naquela cama sem palavras. Partiu para o descanso um ano atrás, a dor do sofrimento caminha comigo, mas não é maior que o amor que trocamos. Nunca imaginei que aprenderia tanto com ela sem palavras. Meu pai seguiu o destino previsto, e a cada dia anda menos e se tornou tão dependente quanto minha mãe. Um novo sofrimento para caminhar comigo, mas o amor continua vencendo.

A moça do pão de queijo continua no mesmo lugar e com isso me responde que a compra do carrinho, afinal, valeu a pena. Do senhor e do cachorro não tive mais notícias. Fico conjecturando tristezas de como foi o fim daquela amizade. Os buracos no muro do quartel foram cobertos com massa diversas vezes, assim como voltam a aparecer novos que novamente são cobertos. Um ciclo que marca a violência e a tentativa de apagamento. O lixo, apesar de não ser o mesmo daquele dia, está no mesmo lugar. Volto a ficar nauseada.

A favela, com a mesma situação após praticamente dez anos, para o tempo diante de mim. Não sei o que exatamente mudou de verdade lá dentro. Não posso saber. Não convivo com a dor e a delícia de morar em uma. Já escutei muitas vezes que “na favela tem muita coisa boa”. Mas daqui de fora, não podemos ver. É preciso viver lá dentro para entender. A guerra entre traficantes, milicianos e policiais continua. Há poucos meses houve uma batida policial que marcou um novo episódio de horror entre os moradores. Penso em cada uma das meninas, hoje mulheres. A angústia de não saber o paradeiro de algumas me invade, mas Bárbara me vem à cabeça e então sorrio de orelha a orelha ao pensar que nem tudo está parado no mesmo lugar. Bárbara está se formando em Antropologia e deu asas a seu sonho. É cantora!

Saí da equipe e me tornei parceira do CTO. Não sei afirmar o quanto o Teatro do Oprimido foi influente para que a vida dela seguisse o caminho de seu desejo, assim como na vida de tantas meninas e mulheres que fizeram oficinas e participaram de algum grupo de TO. Eu voltei à Maré mais forte depois daquele dia, porque me tornei mais consciente de minha identidade e meu papel ali. Ainda não sei avaliar se causamos alguma fissura naquela realidade, mas percebo a fissura que aquelas meninas provocaram em mim, ensinando sem palavras, que era possível, apesar de nossas diferenças, encontrar espaço para lutarmos juntas, dentro da distância que nos separa. Como Curinga, mulher e branca, ainda me faço as mesmas perguntas, mas a quantidade de retornos positivos e de sorrisos que encontro nas pessoas com quem trabalhei, me contam que o método foi fundamental em suas histórias de vida, de luta, de mudança. E isso me aponta que mesmo sem ter resposta às interrogações que fiz, elas me guiaram a construir um caminho feminista em apoio a luta antirracista e hegemônica.

## Referências

BOAL, Augusto. *A Estética do Oprimido – Reflexões Errantes sobre o pensamento do ponto de vista estético e não científico*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. São Paulo.

CRISTINA, Maria. Onde Estão as Mulheres na História da Arte? Disponível em: [Onde estão as mulheres na história da arte? | by Guia Maria Firmina | guiamariafirmina | Medium](#) Acessado em 20.04.2025

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOLLOWAY, John. *Fissurar o Capitalismo*. São Paulo: Publisher, 2013.

LORDE, Audre. Las herramientas del amo nunca desarmarán la casa del amo. In: *Esta Puente, Mi Espalda – Voces de mujeres tercermundistas en los EEUU*. ISM Press, 1988.

MATTOS, Cachalote, SANCTUM, Flávio, SARAPECK, Helen, TURLE, Licko. *Teatro do Oprimido e Universidade: experimentos, ensaios e investigações*. (org). Rio de Janeiro: Mundo Contemporâneo, 2016.

VIANA, J. B. S. É Preciso Colorir para Enxergar. *O Menelick 2º.ATO*, São Paulo, out 2016. Disponível em: [ARTISTAS E INSTITUIÇÕES: É PRECISO COLORIR PARA ENXERGAR - Revista O Menelick 2º Ato](#) Acesso em: 08.04 2025.

Artigo submetido em 30/04/2025, e aceito em 30/07/2025.